

Dialética entre o homem e o som: contribuições de uma aproximação entre Murray Schafer e o materialismo histórico para o trabalho educativo

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

Thiago Xavier de Abreu

PPG em Música do Instituto de Artes da UNESP – parathioxavier@gmail.com

Resumo: Neste trabalho pretendemos apontar elementos do materialismo histórico nas ideias pedagógicas de Murray Schafer que contribuam para uma educação humanizadora. Para isso, propõe-se uma aproximação das ideias pedagógicas de Schafer, aquelas relacionadas à paisagem sonora, à pedagogia histórico-crítica, tendo como eixos centrais da análise duas antinomias: transformação da paisagem sonora X movimento histórico e consciência crítica da paisagem sonora X trabalho educativo. A mútua contribuição teórica dos autores sugere um caminho para uma educação humanizadora.

Palavras-chave: Murray Schafer. Paisagem sonora. Materialismo histórico. Pedagogia histórico-crítica. Educação humanizadora.

Dialectic between man and sound: contributions of an approach between Murray Schafer and historical materialism to the educational work

Abstract: In this paper we intend to point out elements of historical materialism in the pedagogical ideas of Murray Schafer that contribute to a humanizing education. For this, we propose an approximation of the pedagogical ideas of Schafer related to soundscape with the historical-critical pedagogy, considering two antinomies as central axes of the analysis: transformation of soundscape X historical movement and critical awareness of the soundscape X educational work. The mutual theoretical contribution of the authors suggests a way for a humanizing education.

Keywords: Murray Schafer. Soundscape. Historical materialism. Historical-critical pedagogy. Humanizing education.

“A paisagem sonora do mundo está mudando” (SCHAFER, 2011:17). É com esta frase que R. Murray Schafer¹, compositor e educador musical, inicia seu livro *A Afinação do Mundo* (2011), que o próprio autor define como um “relato histórico da paisagem sonora até 1975” (2011:13). Nesta obra, Schafer analisa as relações entre a transformação dos sons presentes no meio e a transformação da própria sociedade frente ao movimento histórico. No entanto, para além do estabelecimento destas relações, o autor classifica a atual paisagem sonora mundial de maneira negativa, sendo esta prejudicial para homem e sua interação com o meio.

Tal classificação parte da exigência de uma consciência crítica do homem perante o ambiente sonoro. “A poluição sonora ocorre quando um homem não ouve cuidadosamente. Ruídos são os sons que aprendemos a ignorar. A poluição sonora vem sendo combatida pela diminuição do ruído. Essa é uma abordagem negativa” (SCHAFER, 2011:18). Vê-se pela afirmação que Schafer não desloca o acento de sua análise para algo externo ao homem; pelo

contrário, sua crítica é encaminhada tendo este como protagonista da transformação da paisagem sonora e, por sua vez, responsável por sua melhoria. Neste processo de transformação a educação possui um papel central.

Neste trabalho pretendemos apontar, nas ideias pedagógicas de Murray Schafer, elementos compatíveis com o materialismo histórico que contribuam para uma educação humanizadora (SAVIANI, 2008). No entanto, destarte, deve-se alertar que esta abordagem não pretende classificar Murray Schafer como marxista, tampouco limitar o conceito de educação humanizadora que será aqui abordado à relação entre o homem e seu meio sonoro. Almeja-se contribuir em ambas as direções, sugerindo uma mútua contribuição teórica.

Esta análise se dará pela aproximação das ideias pedagógicas de Schafer sob um recorte específico, a paisagem sonora, à pedagogia histórico-crítica, da qual parte o referencial do materialismo histórico sobre o trabalho educativo. No entanto, para os fins deste trabalho, delimitaremos a discussão sobre dois eixos centrais desenvolvidos sobre as antinomias *transformação da paisagem sonora X movimento histórico e consciência crítica da paisagem sonora X trabalho educativo*². Assim, partiremos da conceituação de *ideias pedagógicas*.

De acordo com Dermeval Saviani (2010), *ideias educacionais* são as ideias que se referem à educação, quer sejam elas derivadas da análise do fenômeno educativo na tentativa de explicá-lo, quer sejam derivadas da filosofia educacional que interpreta este fenômeno. Já *ideias pedagógicas* são as ideias educacionais aplicadas ao campo da realidade, “orientando e, mais do que isso, constituindo a própria substância da prática educativa” (SAVIANI, 2010:6).

Em *O Ouvido Pensante* (1991) Schafer expõe:

Meu trabalho em educação musical tem se concentrado principalmente em três campos:

1. Procurar descobrir todo potencial criativo das crianças, para que possam fazer música por si mesmas.
2. Apresentar aos alunos de todas as idades os sons do ambiente; tratar a paisagem sonora do mundo como uma composição musical, da qual o homem é o principal compositor; e fazer julgamentos críticos que levem à melhoria de sua qualidade.
3. Descobrir um nexos ou ponto de união onde todas as artes possam encontrar-se e desenvolver-se harmoniosamente.

A isso acrescentaria um quarto campo, que estou apenas começando a explorar: a contribuição que as filosofias orientais podem dar à formação de artistas e músicos do Ocidente. (p. 284).

Na citação, o autor destaca as diretrizes de sua prática educativa. Podemos assim classificar as ideias pedagógicas de Schafer sob três grandes esferas³: a primeira, que se preocupa com o desenvolvimento da criatividade; a segunda, que trata da relação entre homem e a paisagem sonora na promoção de uma consciência crítica sobre esta; e, por fim, a terceira, que enxerga a educação musical dentro de sistema complexo no qual é inserido todas

as artes. Contudo, tendo este trabalho focado o processo dialético entre o homem e o som na educação musical, tomaremos como base para a análise a segunda esfera. O processo dialético referido, entretanto, precisa agora ser delimitado.

1. A dialética marxista: o materialismo histórico e as bases teóricas da pedagogia histórico-crítica

A pedagogia histórico-crítica é antes de tudo uma pedagogia marxista, tendo no materialismo histórico suas bases filosóficas, utilizando como método a dialética desenvolvida na obra de Karl Marx. Neste quadro teórico, o processo pelo qual o homem foi se diferenciando dos outros animais tem como fundamento o *trabalho*, ou seja, a atuação do homem sobre a natureza de forma transformadora, com vistas ao atendimento de suas necessidades. Marx e Engels afirmam:

(...) o primeiro pressuposto de toda a existência humana e de toda a história, é que os homens devem estar em condições de viver para poderem “fazer história”. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação e algumas coisas mais. O primeiro ato histórico é, portanto, a produção dos meios que permitam a satisfação dessas necessidades. (...) O segundo ponto é que, satisfeita essa primeira necessidade, a ação de satisfazê-la e o instrumento de satisfação já adquirido conduzem a novas necessidades - e esta produção de novas necessidades é o primeiro ato histórico (MARX; ENGELS, 1979:39-40).

Dermeval Saviani, ao discutir sobre a natureza do homem dando as primeiras bases filosóficas para a pedagogia histórico-crítica escreve:

(...) Com efeito, sabe-se que, diferentemente dos outros animais, que se adaptam à realidade a realidade natural tendo sua existência garantida naturalmente, o homem necessita produzir continuamente sua existência. Para tanto, em lugar de se adaptar à natureza, ele tem que adaptar a natureza a si, isto é, transformá-la. E isto é feito pelo trabalho (SAVIANI, 2008:11).

Podemos realizar dois apontamentos acerca das relações entre estas afirmações. Primeiramente, deve-se notar a expressa semelhança ontológica da compreensão do ser humano, o que define a pedagogia histórico-crítica como alinhada à corrente marxista. Em segundo, percebe-se que a relação entre o homem e a natureza não é unilateral; ela se constitui de forma dialética, isto é, na atividade de transformação da natureza para o atendimento às suas necessidades a natureza transforma o homem. Estamos agora no cerne da dialética marxista: a relação entre *apropriação e objetivação*.

A apropriação se dá pela atividade transformadora humana, o trabalho, e corresponde à incorporação dos elementos naturais à prática social. Como visto, a diferenciação entre o ser humano e os outros animais se dá pelo fato destes garantirem sua

sobrevivência pelo simples consumo da realidade natural, enquanto os homens, por natureza, produzem os meios de satisfação de suas necessidades de sobrevivência. Esta produção se dá, portanto, através da apropriação da realidade. Porém, ao agir sobre a natureza o homem a transforma, a incorpora em sua prática, e o produto desta incorporação já não é mais simplesmente natural, este carrega os traços da transformação realizada, carrega traços sociais objetivados. Esta transformação não se limita ao plano físico, orgânico, do objeto: ela transforma a função daquele objeto na realidade. Este passa agora a ser um objeto humanizado, um objeto portador de atividade humana. A este processo denomina-se objetivação.

Contudo, após a objetivação, esta realidade não é a mesma da anterior. O homem cria uma realidade objetivada e a apropriação desta realidade transformada não pode ser mais a mesma. É por isso que se conclui que o homem, ao apropriar-se da natureza para sua transformação com vistas ao atendimento de suas necessidades, gera novas necessidades que, por sua vez, geram uma nova forma de apropriação. É precisamente nesta relação dialética entre apropriação e objetivação que se dá o movimento histórico.

Podemos nos aproximar do campo educacional se transferirmos este pensamento para o plano da produção cultural. Vimos que ao transformar a realidade o homem a resignifica gerando novas necessidades. Estas necessidades, portanto, não se limitam ao plano físico ou biológico; ao ser resignificada a realidade exige do homem novas formas de significação. O homem, ao nascer, retém somente necessidades naturais, porém adquire necessidades culturais. Neste movimento a cultura representa a atividade humana objetivada de maneira historicamente cumulativa. Portanto, para objetivar-se, para inserir-se na história, o homem precisa se apropriar das objetivações existentes. Com isso, temos que o trabalho educativo tem em papel central na humanização do homem. Para pedagogia histórico-crítica

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo (SAVIANI, 2008, p. 13).

Nesta conceituação, Saviani atinge a essência da dialética marxista sobre o trabalho educativo. Se a partir desta filosofia (marxista) a natureza do homem é o trabalho, a atividade de transformação da natureza (biológica, orgânica) para o atendimento às suas necessidades; se neste processo o homem se objetiva na natureza e gera novas necessidades, novas formas de apropriação; se esta atividade gera o movimento histórico, acumulando as

objetivações do homem; e, finalmente, se este processo é coletivo, temos nesta definição de trabalho educativo a síntese destes pressupostos. O trabalho educativo produz a “humanidade”, ou seja, produz a apropriação dos elementos culturais necessários para que este cumpra sua função humana, objetivadora, transformadora. Esta humanidade, no entanto, é também “produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”, o homem também é resultado de objetivações historicamente acumuladas. Temos assim uma relação dialética entre apropriação e objetivação.

2. Transformação da paisagem sonora X movimento histórico

A realidade, do ponto de vista da filosofia marxista, é considerada uma *síntese de múltiplas determinações*. O som, enquanto recorte desta realidade é, portanto, uma síntese da atividade do homem sobre a natureza em seu movimento histórico. É necessário notar que não estamos nos referindo à música, cuja atividade humana sobre o som (natural) é indiscutível. Para a compreensão dialética da relação homem/som, devemos considerar que o próprio som que nos é dado pela realidade já é uma síntese da história humana. Podemos observar esta questão por dois pontos de vista: o da objetivação e o da apropriação.

Se considerarmos as objetivações do homem sobre a realidade material vemos que a paisagem sonora do mundo vem se transformando sob a atuação do homem. Em *A Afiinação do Mundo* (2011) Murray Schafer relaciona a transformação da paisagem sonora com o desenvolvimento das forças produtivas em seus pormenores. O autor destaca dois grandes marcos históricos neste processo: a Revolução Industrial e a Revolução Elétrica. Dado os limites deste trabalho, não analisaremos aqui os detalhes que permeiam esta transformação. Para nossos objetivos, nos limitaremos a definir o som como resultado das objetivações humanas, fato observado nas ideias pedagógicas do autor quando este toma “a paisagem sonora do mundo como uma composição musical, da qual o homem é o principal compositor” e quando considera dois processos historicamente construídos pelo homem como os dois principais pontos de alteração da paisagem sonora.

Do ponto de vista da apropriação do som, também podemos observar o caráter social deste na mesma obra do autor. Murray Schafer aponta:

A primeira coisa a considerar é a base material das diferentes culturas e sociedades. Cada área geográfica da Terra tem determinados materiais em abundância, que são utilizados na fabricação de moradias, utensílios e artefatos: madeira, pedra, bambu ou metais. E, à medida que esses materiais são talhados, raspados, serrados, martelados ou quebrados, eles produzem seus próprios sons característicos (2011:228).

Vemos no trecho a manifestação da apropriação humana da realidade para a satisfação de suas necessidades nitidamente expressa. Quando Schafer considera a atividade transformadora humana sobre a realidade (base material), ele está apontando para a refuncionalização, para a resignificação, daquele material; este agora carrega traços humanos, carrega a objetivação humana; a história do desenvolvimento da humanidade se manifesta naquele material. Mesmo se tomarmos uma paisagem natural (uma floresta, por exemplo), com seus sons ainda não produzidos pela atividade humana (seja esta considerada aquela que resulta das objetivações, como o som de uma máquina) a nossa apropriação desta paisagem é condicionada pela capacidade de percepção e significação desta. Tal capacidade é, no entanto, também resultado de um processo histórico⁴. Por isso, os sons de uma paisagem natural nos dias de hoje é quase sempre considerado agradável por uma população de vida urbana, fato não observado em populações rurais, onde este som é indiferente e, às vezes, motivo de incômodo (SCHAFER, 2011).

3. Consciência crítica da paisagem sonora X trabalho educativo

Depois de estabelecida a relação entre a transformação da paisagem sonora e o movimento histórico, ou seja, da transformação da base material sonora no processo de apropriação/objetivação em um movimento dialético, trataremos agora do papel do trabalho educativo frente a este quadro. Se a paisagem sonora está mudando, Murray Schafer (1991, 2011) analisa esta mudança de forma negativa. O autor considera o desenvolvimento dos grandes centros urbanos, da tecnologia, da presença da máquina no cotidiano, prejudicial para o homem. Schafer (2011) fala de paisagens sonoras *hi-fi* e *lo-fi*. A primeira se refere às paisagens naturais, nas quais os sons podem ser percebidos distintamente sem dificuldade, mantendo uma clara relação figura/fundo⁵. A segunda está ligada à paisagem sonora urbana, pós Revolução Industrial, onde a relação figura/fundo é mais difusa devido à quantidade e intensidade dos sons, dificultando a sua percepção.

Sob o ponto de vista estético, Schafer destaca que este desenvolvimento promove um afastamento da experiência do som. O aumento na quantidade e volume dos sons, contraditoriamente, nos desliga destes. É possível, assim, apontar uma alienação da experiência estética do homem em sua relação com a produção sonora. Uma alienação que se liga à perda de sentido na produção do som. Um pseudo-afastamento que, cada vez mais, negligencia a responsabilidade do homem perante seu ambiente acústico, promovendo uma poluição sonora causada pelos “sons que aprendemos a ignorar”.

É a partir deste entendimento que Murray Schafer evoca uma consciência crítica perante a paisagem sonora. A poluição sonora não é algo externo ao homem: ela é resultado do homem sobre seu meio e, dialeticamente, é a atuação do ambiente acústico sobre o homem. A resolução deste problema, portanto, parte da percepção deste meio sonoro e, também sobre um movimento dialético, da consciência do homem como um produtor de som. Isto se expressa nas ideias pedagógicas de Schafer quando este considera necessário “fazer julgamentos críticos que levem à melhoria de sua qualidade”. Com esta afirmação, o autor leva em conta não só a capacidade de percepção, mas também a atuação do ser humano sobre a realidade de forma transformadora.

Com isso, podemos aproximar o trabalho educativo de Murray Schafer do conceito formulado por Dermeval Saviani. Ao valorizar a percepção do ambiente sonoro, sua prática educativa promove o contato com as objetivações sonoras construídas historicamente e coletivamente pelo homem; ela insere o indivíduo na história produzindo, na consciência deste ambiente, a humanidade no homem. Mas a humanidade, a natureza humana, está baseada na apropriação do ambiente para sua transformação: o trabalho. Assim, quando Schafer toma o homem como construtor da paisagem sonora e, mais do que isso, como responsável por sua melhoria, o autor considera este como um ser transformador, e capaz de se objetivar sobre a realidade. Portanto, mantém-se nas ideias pedagógicas de Schafer o caráter dialético do trabalho educativo definido por Saviani.

4. Conclusão ou por uma educação humanizadora

Tentamos neste trabalho apontar, nas ideias pedagógicas de Murray Schafer, elementos compatíveis com o materialismo histórico, a fim de indicar nestas ideias uma possível educação com fins humanizadores. A análise apresentada sugere um trabalho educativo da paisagem sonora de modo dialético, ou seja, considerando o homem a partir de sua natureza transformadora, sendo esta realizada pela relação entre apropriação e objetivação. Com isso, podemos considerar o trabalho pedagógico de Schafer sobre a paisagem sonora como um exemplo de educação humanizadora, nos moldes da definição de Dermeval Saviani.

No entanto, como a própria definição de Saviani nos mostra, uma educação humanizadora não se encerra nesta conclusão. Deve-se atentar para o objeto da educação. Para realizar seu papel humanizador, a educação tem de focar-se sobre os elementos a serem assimilados pelos indivíduos, assim como os meios para que essa assimilação seja bem

sucedida. Consideramos a recíproca contribuição teórica entre as ideias pedagógicas de Murray Schafer e a pedagogia histórico-crítica um caminho viável para esta reflexão.

Referências

FONTEERRADA, Marisa T. de O. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

MARTINS, Lígia M. Pedagogia histórico-crítica e psicologia histórico-cultural. In: MARSIGLIA, Ana Carolina G. (org.). *Pedagogia histórico-crítica: 30 anos*. Campinas: Autores Associados, 2011. pp. 43-57.

MARX, Karl & ENGELS, Friederich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

SAVIANI, Dermeval. *Pedagogia Histórico-Crítica*. 10 ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2008.

_____. *História das Ideias Pedagógicas do Brasil*. 3 ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2010.

SCHAFFER, R. Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. *Educação Sonora: 100 exercícios de escuta e criação de sons*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

_____. *A afinação do mundo*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

¹ R. Murray Schafer é um dos mais destacados nomes da educação musical do século XX. O autor faz parte do que é definida por Fonterrada (2008) como a Segunda Geração de educadores musicais, os quais aplicam os *métodos ativos* (caracterizados pela valorização da experiência sonora e de vida sobre o tecnicismo) a partir de um repertório de música contemporânea e de vanguarda. Schafer trabalha como material pedagógico o conceito de *soundscape* (SCHAFFER, 1991, 2011), ou *paisagem sonora*, conceito criado por ele próprio para definir o ambiente sonoro ao qual nos inserimos e o qual nos rodeia a todo o momento.

² Esta abordagem metodológica é inspirada na obra *Educação como prática da liberdade* (FREIRE, 1974) e na análise de sua metodologia (SAVIANI, 2010: 319-326).

³ Não consideramos aqui a quarta diretriz pedagógica apontada por Schafer, seja esta a que busca contribuições das filosofias orientais para seu trabalho educativo. Isto porque não se demonstra significativo o desenvolvimento desta vertente na sua prática educacional, fato observado em algumas de suas obras (SCHAFFER, 1991, 2009, 2011) e na participação do pesquisador no minicurso *Music, creativity and listening*, oferecido pelo próprio Murray Schafer na *III Semana de Educação Musical IA/UNESP* em setembro de 2011.

⁴ Daremos ênfase neste texto na capacidade de resignificação observada na obra de Murray Schafer (2011). No entanto, a pedagogia histórico-crítica também considera o desenvolvimento humano a partir do desenvolvimento histórico (MARTINS, 2011).

⁵ O autor se apropria da classificação de *figura e fundo* utilizada na percepção visual e na psicologia da Gestalt para analisar a paisagem sonora: “a figura é o foco de interesse, e o fundo, o cenário ou contexto” (SCHAFFER, 2011:214).